

Guilherme da Costa Assunção Cecílio - Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)  
gcacecilio@hotmail.com - ORCID: 0000-0002-2596-4856

Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins - Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)  
marianamrsmartins@hotmail.com - ORCID: 0000-0001-9824-9864

## ***DEPOIS DE SÓCRATES – UMA TRILOGIA: (I) RECORDANDO SÓCRATES***

### ***AFTER SOCRATES – A TRILOGY: (I) REMEMBERING SOCRATES***

CECÍLIO, G. da C. A.; MARTINS, M. M. R. S. (2017). Thomas M. Robinson. *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*. *Archai*, n.º23, May-Aug., p. 275-340  
DOI: [https://doi.org/10.14195/1984-249X\\_23\\_10](https://doi.org/10.14195/1984-249X_23_10)

**Palavras-chave:** diálogo socrático, Sócrates, Platão, Sofistas.  
**Keywords:** Socratic dialogue, Socrates, Plato, Sophists.

#### **INTRODUÇÃO**

*Recordando Sócrates [Remembering Sócrates]* faz parte de uma coleção de 18 peças escritas pelo

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

prof. Thomas M. Robinson que recentemente foram publicadas pela Academia Verlag sob o título *The other olympians: philosophers and poets at the ancient greek games*. Nelas o autor põe em cena o hipotético encontro de personagens de grande destaque no mundo grego, sempre tendo como pano de fundo os jogos olímpicos ocorridos entre 476 e 348 a.C.

A tradução da peça *Recordando Sócrates* que se segue foi por mim encomendada aos tradutores tendo em vista a leitura dramática que ocorreu na Universidade Católica de Petrópolis, em 2016.

A cena dramática é a Olimpíada de 396 a.C., pouco depois, portanto, da morte de Sócrates, sendo esta a ocasião para o encontro de proeminentes contemporâneos do filósofo, os quais discutem sobre suas posições, sua personalidade, até mesmo se seria correto ou não chamá-lo de sofista. Com o denso e instigante diálogo que sai de sua pena, Robinson consegue abordar temas que dizem respeito à vida e ao pensamento de Sócrates, mas que são também temas universais.

A leitura dramática de *Recordando Sócrates* cativou imediatamente todos os que dela se ocuparam e encantou a audiência. Estou certo de que a peça continuará a ser encenada com grande proveito para os mais diversos públicos, especialmente agora que sua tradução se torna disponível na *Archai*.

## 1º ATO

*Olímpia, ano dos Jogos da 96ª Olimpíada (396 a.C.). Noite do primeiro dia dos jogos.*

*Certo número de intelectuais, que se encontraram por acaso nos diversos eventos ao longo das últimas vinte e quatro horas, reuniram-se para tomar vinho e conversar. Estão presentes o filósofo Demócrito e um grupo de amigos e discípulos de Sócrates, falecido há pouco: Platão, Antístenes, Ésquines, Fédon, Críton, Aristipo.*

*Antístenes* Quando eu era criança frequentemente ouvia os mais velhos conversarem sobre a dor da perda. Não entendia o que diziam – até agora.

*Críton* Eu também não. Passaram-se três anos, mas parece que foram trezentos.

*Fédon* Pela última conversa que tivemos com ele, deveríamos todos estar felizes, como *ele* claramente estava.

*Antístenes* Tu estás certo, meu caro Fédon. E ele também nos ofereceu fortes razões pelas quais deveríamos sentir-nos assim. Mas *eu* só sinto essa dor imensa.

*Platão* Então os argumentos não foram bons o suficiente, Antístenes?

*Antístenes* Oh, eles tinham seus méritos, mas como podem fazer frente ao fato de que ele se foi – para sempre? Sua morte foi tão nobre quanto sua vida, mas ainda assim foi uma morte. E um argumento,

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

mesmo um de *seus* argumentos, ainda é somente um argumento. Cebes tinha razão; a criança em nosso interior ainda teme que, no fim das contas, nosso sopro – nossa alma – será simplesmente dispersada e dissipada em nosso último suspiro – sobretudo se, como disse Sócrates, acabemos por morrer enquanto um vendaval estiver soprando!

*(Risos abafados e sorrisos).*

*Fédon* Sim, esse foi uma tirada divertida, que, por um momento, deixou as coisas mais leves. Mas ela também tocou num medo real, e um que está muito presente, creio, a despeito de todos os argumentos de Sócrates.

*Platão* Então ele não convenceu *ninguém* de que nossa alma é, não sopro, mas algo imaterial, que sobreviverá ao corpo?

*Fédon* Oh, todos nós *queríamos* acreditar, Platão. Mas no fim todos nós sentimos, eu acho, que aquilo que víamos, através de nossos múltiplos véus de pesar, era Sócrates morto. Um Sócrates que *outrora* conhecêramos, é claro, e cuja *memória* nunca nos deixará. Mas que se foi. Para sempre.

*Platão* Estou arrasado. Eu não estava lá, para meu eterno remorso, mas pelo que tu me dizes, Fédon, o seu argumento final, ainda que os demais tenham falhado em convencer, foi extraordinariamente poderoso.

*Antístenes* Eu mesmo não fiquei convencido. Antes de mais nada, ele deu a entender que a ideia não era realmente dele, mas sim que ele a teria ouvido

recentemente de *ti*. Ademais, a conclusão simplesmente não se seguia das afirmações introdutórias sobre implicação.

*Platão* Bem, é verdade que conversei com ele acerca desses assuntos alguns dias antes – só nós dois. E pude certamente reconhecer aquele argumento em particular, bem como um anterior que diz que alma é como uma Forma, como sendo realmente meu. Mas estou intrigado por tu o teres achado fraco, Antístenes; a mim ele pareceu bastante forte. Que te incomodaste neles?

*Antístenes* Para falar a verdade, tudo. Se a noção de alma deve implicar a presença de vida do mesmo modo que o fogo implica a presença de calor, e a neve, a presença de frio, isso não a torna imortal, assim como não torna imortais o fogo ou a neve. Tudo que o argumento mostra é que, onde quer que haja alma, há também algo que está vivo. Ou, dizendo de outro modo, se algo é uma alma, está vivo. Ou, modificando-o ligeiramente mais uma vez, *contanto que* uma alma seja uma alma, está viva; não pode haver algo como uma alma morta.

*Ésquines* Acho que Antístenes identificou a dificuldade que todos nós sentimos, mas hesitamos em exprimir. E se estamos certos em nossas preocupações, o argumento meramente afirma o óbvio – que qualquer alma, *enquanto* é alma, está viva –, não oferecendo qualquer razão para que se acredite em sua imortalidade.

*Platão* Bem, não sei se qualquer um de nós deseja rever o argumento neste momento, e criticar nosso mestre quando ele não está mais aqui para se

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

defender. Acredito que todos sentimos necessidade de maior distância temporal em relação a Sócrates, antes de nos aventurarmos em tal empresa. Mas creio que com uma coisa nós todos *podemos* concordar.

*Euclides* E que seria?

*Platão* A necessidade, meu caro Euclides, de preservar, de algum modo, sua *memória*, antes que nossas próprias memórias desbotem. Mesmo que eu seja o único aqui a acreditar na imortalidade, todos podemos concordar que podemos dar-lhe a segunda melhor coisa depois da própria imortalidade.

*Aristipo* Tu tens pensado bastante no assunto, de acordo com o que todos nós estamos ouvindo.

*Platão* Verdade, mas não sou só eu, Aristipo. Acredito que *Ésquines* e Antístenes tenham ideias parecidas, assim como Críton, e, a esse respeito, deixo que eles falem por si mesmos. E o mesmo vale para nosso amigo-soldado, Xenofonte. Ele no momento está em campanha no Quersoneso, mas ouvi que também planeja escrever as memórias de Sócrates quando retornar. E pode haver vários outros relatos até que terminemos essa tarefa.

*Ésquines* É verdade. Eu certamente quero preservar sua memória, e, de fato, já escrevi algumas linhas. E, creio, tu também, Antístenes?

*Antístenes* Sim, eu também.

Mas *tu* pareces ter ido bem além, Platão, pelo que tenho escutado. Todos lemos seu relato do jul-

gamento, e Xenofonte está prometendo oferecer-nos outro ao retornar. Estás preparando mais alguma coisa?

*Platão* Bom, é verdade que estou trabalhando em alguns episódios relativos ao julgamento.

*Aristipo* E estão perto de estarem concluídos?

*Platão* Na verdade, estão sim. Mas não tenha certeza se quero torná-los públicos, por enquanto. Eu, de fato, testei alguns trechos do primeiro com o próprio Sócrates, poucos dias antes de sua morte. Queria ter certeza absoluta de que ele se sentisse confortável com o que eu estava tentando fazer.

*Fédon* Tu o fizeste? E que foi que testastes?

*Platão* Ah, alguns trechos duma discussão que ele veio a ter com o jovem Eutífron, justamente quando o caso estava sendo levado à corte. Eu encontrei, por acaso, Eutífron quase que imediatamente depois, e ele me deu um relato bastante vívido da conversa.

*Antístenes* E Sócrates gostou das tuas palavras?

*Platão* Gostou, sim. E eu fiquei profundamente comovido; eu realmente não fazia a menor ideia se ele gostaria delas ou não.

*Ésquines* E tu, por acaso, não terias nenhum material contigo?

*Platão* Não muito; só alguns trechos aos quais estava dando os últimos retoques.

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*, p. 275-340

*Aristipo* Poderíamos ouvi-los?

*Platão* E por que não? Mas trata-se, é claro, dum material ainda inacabado. Tende paciência com ele.

O primeiro trecho consiste nas primeiras linhas de sua conversa com Eutífron.

(*Saca um rolo de pergaminho e lê Eutífron 2a-4a*) \*

(*Murmúrios de louvor do grupo*).

*Antístenes* Incrível. E um pouco perturbador. Sinto como se ele tivesse voltado dos mortos. E aqui está ele, falando novamente com aquelas velhas palavras.

*Êsquines* Sim, eu não sou do tipo que acredita em fantasmas, mas também me sinto um pouco assustado. Assustado, porém, dum modo maravilhoso, como eu nunca poderia ter imaginado. Tu tens mais alguma coisa para nós?

*Platão* Tenho, na verdade, mas provavelmente é Críton quem deveria falar sobre isso, uma vez que o assunto lhe concerne.

*Críton* Sim, contei a Platão, faz algum tempo, sobre a visita que fiz a Sócrates na prisão, quando eu tentava persuadi-lo a deixar Atenas e salvar a própria vida. Mas ele foi categórico ao afirmar que as leis têm de ser obedecidas, e que ele iria obedecê-las – até mesmo a lei que estabelecesse a sua morte. Platão está agora se ocupando de transcrever a conversa que tive com ele.

*Antístenes* Poderíamos ouvir um pouco dela?

*Platão* Bem, mais uma vez, escrevi até agora apenas as primeiras linhas do diálogo, mas ficarei feliz em lê-las.

(Lê Críton 43a-44c) \*

(*Mais murmúrios de louvor do grupo*).

*Aristipo* Maravilhoso. Porém, pelo que Críton nos contou há pouco tempo sobre o que ele veio a dizer no desenrolar da discussão, ele foi muito mais amável com as leis, inclusive as leis de Atenas, do que *eu mesmo* estaria inclinado a ser.

*Demócrito* Por que pensas assim?

*Aristipo* Aquelas leis que ele tão firmemente apoiava acabaram por matá-lo.

*Demócrito* É mesmo? Com certeza *protegê-lo-iam*, caso ele tivesse desejado ser protegido. Mas claramente ele não o queria. Ele decidiu zombar delas, e sofreu as consequências.

*Aristipo* De que lado estás, Demócrito? Pensei que tu fosses amigo de Sócrates.

*Demócrito* Eu sou.

*Aristipo* Então por que disseste o que acabaste de dizer?

*Demócrito* Porque Sócrates buscava a verdade. E a verdade é o que acabei de pronunciar. Ele não teria reclamado disso. De fato, acho que ele poderia ter sorrido.

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

*Aristipo* Mas isso é um despropósito. O que estás dizendo

*(Certa comoção e saudações generalizadas com a chegada dos convidados atrasados, o poeta cômico Aristófanes e o sofista Trasímaco)*

Bem, vamos deixar isso para outra ocasião.

*Aristófanes* Deixar o quê? Vós não estais deixando os Jogos, espero?

*Trasímaco* Oh, eles ficarão por aqui, tenho certeza. Mas eles também têm os seus próprios Jogos intelectuais a disputar, creio eu. E posso adivinhar sobre o que sejam.

*Aristófanes* Podes?

*Trasímaco* Ora, Aristófanes. Não consegues ver que nosso grupinho está totalmente arrasado?

*Aristófanes* Mas que momento para se estar arrasado. Este é um dos Jogos mais emocionantes de todos os tempos! Uma mulher (!), a princesa espartana – filha, ainda por cima, do Rei Arquidamo – está disposta a levar seu time à vitória na corrida de bigas. Se ela conseguir, será a primeira vez na história das Olimpíadas. Não se fala de outra coisa.

*Trasímaco* Ah, fala-se sim. Estes aqui, por exemplo.

*Aristófanes* É mesmo? Agora tu *realmente* me deixaste intrigado. Por que motivo estão eles ar-

rasados? Já se passaram duas Olimpíadas desde a guerra, de modo que não pode ser isso. E Atenas continua em seu lugar, então não pode ser isso. Que mais há de importante? Esclarece-nos, Demócrito. Tu pareces ter ideias firmes sobre o que seja importante. Eu estou deixando passar algo de grande relevância?

*Demócrito* Bem, tu mesmo terás de decidir. Por que não tomas um pouco de vinho e te juntas a nós? Acredito que nossa conversa estava começando a ficar interessante quando chegaste, e tenho certeza de que tu hás de enriquecê-la.

*Aristipo* Não tenho dúvidas de que ele o fará. Esperai e vereis.

*(Pausa).*

*Trasímaco* Eu também sou bem-vindo?

*Aristófanes* Se te comportares. A maioria dos presentes não suporta sofistas.

*Trasímaco* Certo. Então serei apenas *moderadamente* detestável.

*Demócrito* Bem, para retomar de onde paramos; houve um desentendimento acerca disso: se Sócrates teria provocado a própria morte ou não. A maioria tendeu a culpar outrem, mas eu sugeri que foi ele mesmo que a provocou. Vós mesmos vivenciastes tudo isso, e nós nos perguntávamos ([*olha à volta*] *eu* me perguntava) qual seria o vosso parecer sobre o que aconteceu.

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

*Trasímaco* Mas não é óbvio?! Se a lei é rigorosa demais para ti, bate em retirada estratégica, e torce para ver sol raiar no próximo dia. Ele teve essa chance, tanto em termos da escolha oferecida a ele pelo júri no julgamento quanto aquela que lhe foi oferecida quando ele se encontrava preso, segundo o que Críton tem contado a todos ultimamente. Claro, ele terminaria seus dias no exílio, mas pelo menos estaria *vivo* no exílio. Mas ele era do tipo ou-tudo-ou-nada; para ele era ou sua preciosa virtude ou nada. Esse tipo de virtude é para perdedores; e ele perdeu.

(*Olha à volta*).

Tranquilizai-vos, bando de melancólicos. Há vencedores e perdedores. É assim que as coisas são. Fazei vossas escolhas. Eu escolho o vencedor.

*Ésquines* E quando tu o encontrares, tu pulas em sua carruagem?

*Trasímaco* É claro. Ou deveria me deitar e deixar que ela me atropele?

*Platão* Mas ainda que aceitemos tua detestável conversa de vencedores e perdedores, ele *era* (ou melhor, é), de fato, um vencedor.

*Trasímaco* Não me digas. Tu poderias me dizer então onde ele está, para que possa parabenizá-lo pelo que ganhou – seja lá o que for?

*Demócrito* Desista, Platão. Tu sabes que ele só está te provocando. Ele vai apenas rir se tu vieres

com aquela história de “alma imortal” pra cima dele. Então não percas o teu tempo.

*Platão* Recuso-me a acreditar que Trasímaco não estabelecerá um diálogo comigo. Já o vi fazê-lo com Sócrates numa ocasião notável, aqui mesmo nos jogos, três Olimpíadas atrás. Houve uma outra ocasião depois disso, em Atenas, no Festival das Bendideias.

*Trasímaco* Isso é verdade. E eu o considerei um tolo em ambas as ocasiões, e lhe disse isso.

*Platão* Mas Sócrates tinha, de todo modo, os melhores argumentos. Tu discutiste com ele por um tempo, mas, no fim, tu te limitaste a insultar e, depois, caíste num longo e taciturno silêncio.

*Trasímaco* E a quem não aconteceria isso? Meu silêncio era o silêncio de alguém frustrado pela enfadonha e infundável repetição de maus argumentos que pretendiam passar por sabedoria. Só se aguenta esse tipo de coisa por um certo tempo, até que simplesmente se desiste. Então não chames isso de uma vitória de Sócrates; argumentos ruins são argumentos ruins, não importa quem fale por último.

*Ésquines* Ah, tu és mesmo impossível, Trasímaco. Sabes muito bem que o objetivo de Sócrates em suas conversas era sempre fazer vencer o melhor *argumento*, dele ou de outra pessoa. Por isso tantas de suas conversas terminavam sem uma conclusão precisa; *ele* não tinha certeza se *qualquer um* dos argumentos tivesse prevalecido, e então ele não ten-

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, ‘Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*, p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, ‘Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*’, p. 275-340

tava *fingir* que algum deles tivesse. Tu certamente admiras *isso*, ou não?

*Trasímaco* Na verdade, sim. Nesse particular ele encarava os fatos, e eu acredito em fatos. Minhas críticas a ele dizem respeito às patéticas *crenças* que ele ostentadamente dizia defender *com base* em seus argumentos. Por exemplo, essa história de “virtude” e “cuidado com a alma” (o que *quer que isso seja*). Não sei bem o que vós filósofos entendeis por filosofia, mas suspeito que, com Sócrates, ela tenha dado um grande passo atrás.

*Euclides* Supondo-se que consigas reconhecer um filósofo, poderias indicar algum que tenha dado um passo à frente?

*Trasímaco* Com certeza, meu caro Euclides. Ele está bem aqui.

*Ésquines* É mesmo? E quem é? Aristófanes?

*Trasímaco* Não é um palpite ruim; Aristófanes parece-me ter muito mais inteligência (de um tipo escorregadio) do que a maior parte do nossa autoproclamada intelectualidade (*Aristófanes sorri*). Mas, na verdade, eu indicaria Demócrito como o meu melhor exemplo.

*Aristófanes (rindo)* Estou com inveja! Que grande oportunidade para uma peça desperdiçada: “*A Filofoficação de Aristófanes*”! Estás certo de que não mudarás de ideia, Trasímaco? Eu te prometo coautoria!

*Trasímaco* Muito obrigado, mas não. Não me meto com cobras se puder evitá-lo. Eu fico com Demócrito.

*Demócrito* Bem, eu me sinto lisonjeado, *ainda* que o elogio venha dum sofista menor. Não gostarias de desenvolver um pouco mais o teu ponto de vista, *Trasímaco*? Há bastante vinho aqui, e somos só ouvidos. Vinho, meus caros?

(*Todos bebem*).

*Trasímaco* Quereis saber? Eu também estou lisonjeado. Não é sempre que tantos autoproclamados *intelectuais* param para me dar atenção.

Bom, se, porventura, vós já ouvistes *Demócrito*, ou lestes algum dos seus escritos, creio que a maioria de vós poderia adivinhar por que acho que ele esteja muito à frente de *Sócrates* como pensador. (Importais-vos se eu usar a palavra “pensador”? Odeio esta pretenciosa palavra, “filósofo”; “amante da sabedoria” de fato, como se mais ninguém se interessasse pela sabedoria).

*Demócrito* prefere os fatos brutos, sem quaisquer adornos, e sem as implicações morais que supostamente poderiam ser extraídas deles. O que há, sempre houve, e sempre haverá, diz ele, são pedaços de coisas movendo-se aleatoriamente pelo espaço, combinando-se e recombinao-se para formar o mundo que, a todo o momento, vemos à nossa volta.

A maneira como nós *lidamos* com as coisas e como *agimos* enquanto indivíduos e sociedades não pode ser deduzida a partir do modo como o mundo é. *Demócrito* tem, é verdade, suas próprias visões acerca da maneira correta de agir, mas essas me parecem bastante antiquadas. Felizmente, isso

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, ‘Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*’, p. 275-340

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, “Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*”, p. 275-340

não interfere em sua teoria principal, que continua firme, apesar dessa fraqueza.

*Demócrito* Bem, suponho que, ao menos até esta altura, eu deveria estar agradecido. É sempre bom ser compreendido, mesmo que só em parte, e por um sofista não tão célebre. (E, a propósito, Trasímaco, tu implicas demais com a palavra “filósofo”; tu não percebes que o uso da palavra “sofista” parece ter a mesma pretensão com relação à sabedoria que ela? E, talvez, até mais; os filósofos contentam-se em reivindicar para si um *amor* à sabedoria; vós reivindicais o *título* de “sábios”).

Mas, de modo mais sério, estou realmente confuso com a tua ideia de que minha visão acerca da maneira correta de agir seja fraca em comparação com a minha teoria da natureza. Se estou certo em pensar que nada que diga respeito à ação possa ser claramente deduzido do modo como o mundo está estruturado e opera, então nada na estrutura e operação do mundo pode contar como prova, seja de um jeito ou de outro, da suposta *força* ou *fraqueza* dos diversos argumentos sobre o modo como devemos *agir* nesse mundo.

*Trasímaco* Não há motivo para estares confuso, Demócrito; concordo contigo nesse ponto. A maneira como agimos deve estar baseada em argumentos para além daqueles que versam sobre o que existe “lá fora”, por assim dizer. E aqui passamos a divergir quanto aos nossos próprios pressupostos.

*Demócrito* Por exemplo?

*Trasímaco* Por exemplo, no que diz respeito a toda uma série de crenças das quais qualquer pessoa que pense corretamente há tempos já abriu mão na teoria, mas das quais não consegue abrir mão na prática. Quem, em sã consciência, ainda crê na vida após a morte, ou, menos ainda, em castigos e recompensas depois da morte? Quem, em sã consciência, ainda crê nos deuses do Olimpo, ou, aliás, em quaisquer outros deuses? Nós, porém, aderimos a teorias de conduta que remontam a uma época em que as pessoas *realmente* acreditavam nisso, e que claramente estão baseadas em tais crenças. E também essa história de “moderação”, que tanto significa para vós (e que, aliás, tanto significava para Sócrates também). Quem precisa de moderação? Tome tudo o que puderes, digo eu, se puderes te safar. O velho Antifonte era bem direto sobre isso, e ele estava certo. Que prevaleçam os fortes.

*Aristófanes* Oh, como eu adoro ver vós, sofistas, brigarem! É quase tão divertido quanto o pancrácio. (Quem são os competidores desta vez, a propósito? Fala-se tanto numa possível vitória de uma mulher na corrida de bigas que esse falatório abafou qualquer conversa sobre todo o resto). Mas precisamos de mais participantes nesta briga. *Tu* não queres participar, Aristipo? Não és um seguidor do Grande Homem?

*Aristipo* Não sei se gostaria de estar em qualquer disputa que tenha a ti como juiz, Aristófanes.

*Platão* Eu participarei se Aristipo não o fizer, Aristófanes. Cá estás tu de novo, com esta ideia tola de que não haja diferença entre um filósofo e um sofista. Tu a esboçaste pela primeira vez anos atrás,

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, ‘Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*’, p. 275-340

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

quando fizeste justamente de Sócrates – podendo escolher dentre todos os homens – o teu grande exemplo de sofista, e tu não desististe desde então.

*Aristófanes* E por que deveria, se estou certo?

*Ésquines* Mas isso é simplesmente perverso, Aristófanes, e tu o sabes. Como Sócrates pode ter passado toda a sua vida atacando sofistas, se era um deles?

*Aristófanes* A resposta é fácil, meu caro *Ésquines*. Ele estava simplesmente procurando distinguir o seu tipo de sofística do deles, e acabou exagerando suas pretensões no caminho. É um artifício comum. E que, frequentemente, funciona. Como neste caso.

*Platão* Mas certamente tu reconheces que o seu tipo de argumento é claramente diferente do de Trasímaco, por exemplo?

*Aristófanes* Por que não perguntas a *ele*? Ele está bem ao seu lado.

*Platão* Eu o farei. (*Virando-se para Trasímaco*) Sócrates era um sofista, Trasímaco?

*Trasímaco* Seria este o início não-muito-sutil de um interrogatório socrático, Platão? Porque penso que já desfrutei da parte que me cabia enquanto ele ainda estava entre nós.

*Platão* Não, trata-se somente duma pergunta. Seria realmente esclarecedor se tu a respondesses.

*Trasímaco* Eu já não teria tanta certeza. Realmente crês que um comediante vá mudar sua piada em face

do que se chama de evidência? Essa piada manteve o seu público rindo por anos; como podes pensar que ele queira abrir mão dela agora?

*Platão* Esse é um risco que tenho de correr, *Trasímaco*. Simplesmente nos digas tua resposta.

*Trasímaco* Está bem, vou fazê-lo.

(*Pausa*).

*Aristipo* Pois bem?

*Trasímaco* Temo que ficareis profundamente decepcionados com a minha resposta.

*Platão* Não, se for a verdade.

*Trasímaco* Mas por que estais tão certos de que *haja* uma resposta verdadeira?

*Aristófanés* Oh, vós, sofistas! Dize o que tens a dizer e acabe logo com isso.

*Trasímaco* Está bem. Assim o farei. Minha resposta é: – (*pausa*) – Depende do que quereis dizer com “sofista”... (*ele sorri*).

*Aristófanés (rindo)* O mesmíssimo tipo de evasiva que o também-sofista Sócrates sempre usava. Não precisas dizer mais nada. Só de abrires a boca já respondeste à pergunta de *Platão*.

*Euclides* Por que simplesmente não o ignoras, *Trasímaco*, e falas mais sobre a distinção que tens em mente?

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, ‘Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*’, p. 275-340

# άρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

*Trasímaco* Obrigado, Euclides. Vou fazer isso. Se por sofista quereis dizer um professor itinerante que instrui os jovens esperando, em contrapartida, um pagamento, então Sócrates não foi um sofista. Ele vivia numa pequena herança, e não aceitava pagamento por seus serviços de professor. Se concordais com *ele* de que, agindo assim, ele estivesse fazendo algo que o distinguisse dos sofistas, ele não foi – para *vós* – um sofista. Se, por outro lado, concordais com *Aristófanes* que um sofista é o que o grande público, mesmo que à distância, considera ser um sofista, então ele *foi* um sofista.

*Ésquines* Estás falando sério? Desde quando as coisas são o que são porque as pessoas assim as imaginam?

*Trasímaco* Não há por que alarmar-se, *Ésquines*. Estou apenas indicando algumas razões para crer que, por vários motivos, em diferentes momentos e em variadas circunstâncias, algumas pessoas possam ter considerado Sócrates como um sofista, e outros não. Haveria algo de estranho nisso?

*Aristófanes* Ah, esse jogo de palavras sem fim! Apenas *dize* – era ele um sofista ou não?

*Trasímaco* Lamento desapontar nosso comediógrafo, mas ele não conseguirá uma resposta fácil. Vou, entretanto, – com vossa permissão – tentar dizer o que penso ser o caso, apesar de não ter certeza se haverá quem goste do que direi.

*Aristipo* Mal podemos esperar. Mas, talvez, precisemos todos de uma bebida antes.

(*Todos bebem*).

*Trasímaco* Se eu acho que Sócrates era um sofista? Sim, acho, e infelizmente um sofista que ajudou a dar à sofística uma péssima reputação. Antes de Sócrates nós éramos simplesmente professores itinerantes, fazendo nosso serviço e sendo pagos por isso. Ah, eventualmente alguns de nós caíam em dificuldade – como o velho Protágoras – quando os pais achavam que estávamos ensinando coisas perigosas, como a não-existência dos deuses ou a natureza relativa das normas de conduta. Mas nós éramos um componente forte e útil da sociedade, como Péricles o reconheceu, tendo aberto as portas de Atenas para nós.

Sócrates ajudou a mudar isso. Ele não ensinava em público, mas sussurrava pelos cantos, geralmente com os jovens. E quando, finalmente, falava com os adultos, ele tinha a tendência de fazê-los sentirem-se tolos. Só se consegue fazer isso por um certo tempo, até que se comecem a criar problemas. E grandes problemas. Sobretudo quando os jovens com os quais se conversa começam a contar aos pais o que têm ouvido, e quais sagradas tradições estão sendo questionadas.

Mas tudo isso não era muito problemático até o início da Guerra; naqueles tempos, suponho, as pessoas viam pouca diferença entre um Protágoras e um Sócrates. Ambos eram subversivos em diversos sentidos, sem dúvida, mas Atenas era forte e podia suportá-los. Mas com a guerra tudo mudou. No que diz respeito à maioria das pessoas, certas coisas simplesmente não podem ser questionadas em tempos de guerra, e professores então se veem

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

especialmente tolhidos no que tange ao que devem ou não dizer aos jovens.

Sócrates aparentemente não se sentia tolhido de modo algum, e não demorou muito para que se comesçassem a discernir alguns de seus discípulos, bem como os seus respectivos papéis na guerra. Basta mencionar Alcibíades e Crítias, aquele, um traidor, e este, um assassino em massa, que, ademais, odiava a democracia.

Então, na verdade, eram sofistas como eu que ficavam constrangidos ao sermos colocados no mesmo saco que Sócrates por pessoas como o comediógrafo aqui presente, do mesmo modo que Sócrates pode ter alegado estar *ele* constrangido por ser colocado no mesmo saco *conosco*. Quem dentre *nós* produziu um Crítias ou um Alcibíades? Qual dos jovens que nós ensinamos levantou sequer um dedo contra Atenas?

Pronto. Já disse o que tinha a dizer.

*Platão (fazendo uma pausa)*. E não foi bom o suficiente, Trasímaco. Desde quando culpamos o mestre por um ou dois de seus discípulos deixarem a desejar? Sócrates sempre viu um grande potencial em Alcibíades, do mesmo modo que muitos outros atenienses o fizeram. Ele pode ter sido um desgraçado, mas era também um talentoso general, que poderia ter vencido a expedição da Sicília para nós se o comando total lhe tivesse sido oferecido.

E daí que ele *se bandeou* com os espartanos? Uma vez que ele se deu conta de que seria uma sentença de morte voltar para Atenas, para que outro lugar

ele haveria de ir? Como tu mesmo sempre dizes, Trasímaco, a vida é dura, e às vezes é preciso simplesmente decidir-se pela sobrevivência.

*Trasímaco* Ouvi a imagem espelhada de Sócrates falando. Que ateniense, disse-me, admirou Alcibíades por ele ter seduzido, enquanto estava em Esparta, a mulher do Rei Ágis? Ou por ter ocorrido, em busca de proteção, para junto de mais um inimigo, a Pérsia, quando Ágis descobriu tudo?

*Platão* Tu ainda não compreendeste o meu argumento. Ninguém disse que Alcibíades era perfeito; Sócrates sempre soube o trabalho que tinha em mãos ao tentar ensinar virtude a *ele*. Mas ele não era de desistir de alguém facilmente. Em todo caso, Alcibíades, em seus anos derradeiros, voltou para o lado dos atenienses, com clamor generalizado, e poderia perfeitamente ter ganhado a guerra para nós se o houvéssimos permitido. Mas os atenienses, com sua típica precipitação desatinada, destituíram-no de seu cargo de general quando um dos seus comandantes subordinados perdeu uma batalha, e três anos depois fomos finalmente derrotados.

*Demócrito* Mas ele acabou como um traidor, não foi? Quando os espartanos finalmente o encontraram depois da guerra, ele estava vivendo sob a proteção dos persas.

*Platão* Certa proteção. Mas deixemos isso pra lá. Para onde se esperava que ele fosse? Para Esparta? Isso seria morte certa. Para Atenas, para enfrentar a turba que há pouco tinha votado pela morte de todos os seus oito generais? Consideremos a coisa seria-

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

mente. Ele fez o que tu mesmo provavelmente farias, Trasímaco, se estivesses em sua posição. Admita.

*Trasímaco* As especulações eu as deixo para vós, filósofos.

*Platão* Não, tu não te livras assim, tão facilmente. Eu chego a corar pelas coisas que Alcibíades fez, e as ações de meu tio, Crítias, deixam-me completamente consternado. Mas esses são dois indivíduos. Vós, sofistas, fostes mestres de dezenas de jovens, os quais se notabilizavam apenas por sua covardia. Certamente, eles nunca fizeram nada para ativamente destruir a sua cidade, mas, de certo modo, eles contribuíram para destruir a alma dela.

*Aristófanes* Essa palavra, novamente.

*Demócrito* Ignore-o, Platão. Prossiga.

*Platão* As pessoas que *tu* ensinaste eram certamente *parte* da turba que votou pela execução dos oito generais; um homem apenas votou contra, e esse foi Sócrates. E eles eram certamente *parte* da turba que votou pela expedição genocida contra Melos.

*Trasímaco* Sem dúvida. Eles aprenderam conosco a ser *cautelosos*; e também uma boa dose de política de guerra. Há algo de errado nisso? Tu mesmo, de todo modo, eras jovem demais para participar dessas decisões. Tu tens certeza absoluta de que terias sido capaz de enfrentar a maioria?

*Platão* Não tenho certeza. Mas quero *crer* que teria enfrentado, sim.

*Aristófanes (rindo)* Ora, ora, que bela charada temos aqui. Um sofista produz desregrados, traidores e assassinos; os demais produzem gente cuja característica mais notável é sua habilidade de protegerem a si mesmos. Alguns mestres; alguns discípulos. Parece-me que eu captei bem a coisa já há muito tempo, nas *Nuvens*.

*Demócrito* Eis que voltamos às *Nuvens*; por que parece que sempre acabamos nas *Nuvens*? Sugiro que façamos um intervalo até amanhã, depois de vermos a corrida de bigas de Cinisca de Esparta. Isso deve mudar o rumo da conversa – por um tempo. Principalmente se os seus cavalos vencerem!

*Platão* Pois bem. Mas é bom que fiques sabendo, Trasímaco: os amigos de Sócrates não pretendem deixar que a sua memória seja difamada, sem qualquer resposta, por pessoas como ti. Independentemente do que venham a fazer os cavalos de Cinisca.

*Trasímaco* Mal posso esperar. Uma última rodada?

*(Todos bebem).*

## 2º ATO

*Mesmo lugar, mesmos participantes, na noite seguinte.*

*Ésquines* Incrível! Ela conseguiu!

*Aristófanes* Bem, nem tão incrível assim. Por acaso já viste um time patrocinado pela realeza

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

perder a corrida de bigas? Mas, mesmo assim, foi algo incrível de se ver. Os cavalos de uma *mulher* levando os louros! E os da irmã do Rei de Esparta, ainda por cima.

*Demócrito* Suponho que ela *tinha* de ser espartana...

*Trasímaco* É claro. E um belo desfecho para a sua vitória na Grande Guerra. O derradeiro soco no estômago de Atenas. Isso deve fazer com que te lembres de algo, Aristófanes.

*Aristófanes* Sim, com certeza. Dei voz às mulheres em minha *Lisístrata*, e eis que vem essa mulher espartana para reforçar o meu ponto de vista. Eu preferiria uma mulher ateniense, creio; mas aceito de bom grado uma espartana.

*Ésquines* Alto lá, Aristófanes. Não estás nos dizendo que essa ideia de mulheres fortes é invenção tua, ou estás?

*Aristófanes* Não, não propriamente. Eu disse, certa vez, a Eurípedes que, na verdade, eu devia isso a ele. Foi ele quem nos contou tudo o que as mulheres têm de suportar, principalmente em tempos de guerra, e o que, por vezes, elas decidem fazer a respeito disso; eu apenas levei a coisa um passo adiante.

*Ésquines* E tu não achas que nenhum de nossos fil – de nossos intelectuais atenienses – tenham algo importante a dizer sobre o assunto?

*Aristófanes* Não que eu saiba. Tens em mente alguém em particular?

*Ésquines* Na verdade, tenho, sim. Mas não creio que tu estivesse por perto para ouvir o que ele tinha a dizer.

*Aristófanes* Não, eu não estava. E tu, estavas?

*Ésquines* Por acaso, estive, sim, pelo menos nos seus últimos anos. Também tomei notas, para que as ideias simplesmente não desaparecessem.

*Aristófanes* Suponho que esse seja Sócrates. Vós socráticos (posso usar esta palavra?) não conseguis falar de mais ninguém. Então o que tinha *ele* a dizer sobre o assunto que seja tão interessante?

*Ésquines* Bem, neste caso devo admitir que só o sei de segunda mão. Serve?

*Aristófanes* Terá de servir.

*Ésquines* Bem, *trata-se* duma segunda mão *respeitável* – a do próprio Sócrates. Em seus últimos anos ele frequentemente nos contava das conversas que tivera há muito tempo, quando os mais jovens dentre nós ainda não estavam por aqui. Nessa ocasião ele nos contou como, alguns anos antes, ele tinha recomendado a Cálias que enviasse seu filho Hipônico a Aspásia, para aprender política. Isso causou grande surpresa a Cálias, principalmente quando Sócrates lhe ofereceu diversos motivos para fazê-lo. E, mais tarde, ele repetiu esses mesmos motivos para nós. Não haveria a menor razão para duvidar, disse Sócrates, que mulheres possam ser tão habilidosas quanto os homens na arte da política e, até mesmo, da guerra. Como a própria Aspásia. Ou Targélia de Mileto. E muitas outras.

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

*Platão* Ele mencionou Diotima?

*Ésquines* Não naquela ocasião. Mas certamente eu o ouvi mencioná-la em muitas outras ocasiões. Ele evidentemente considerava que também *ela* também estivesse em pé de igualdade com os homens.

*Platão* Sim, certa vez eu o ouvi dizer o mesmo. Ela era claramente a mulher mais impressionante que ele havia conhecido.

*Aristófanes* Tu estás me dizendo que Sócrates achava que as mulheres estariam em pé de igualdade com os homens? Pela forma com que ele supostamente tratava Xantipa, é difícil de acreditar. Se bem que é verdade que ela lhe pagou na mesma moeda. (*Risos*).

*Ésquines* Nossa maneira de pensar e de agir não necessariamente coincidem. Tudo que Sócrates estava dizendo era que, pelo que evidenciavam a vida e as ações de algumas extraordinárias mulheres, poder-se-ia inferir com segurança que pelo menos algumas mulheres sejam tão hábeis militar e politicamente quanto alguns homens.

*Aristófanes* Então Sócrates era uma espécie de revolucionário silencioso também nesse assunto?

*Ésquines* Com certeza. Mais uma das várias coisas sobre ele que te passaram despercebidas.

*Aristófanes* Não sei se é bem assim. Conversas, de vinte ou trinta anos atrás, das quais alguém supostamente “se lembra”, têm a tendência de conter

aquilo que se *gostaria* de ter ouvido ao invés do que, de fato, se ouviu. Ou ainda aquilo que *atualmente* se pensa ao invés daquilo que outrora se pensou. Isso é absolutamente normal. Basta que observes qualquer um que esteja envelhecendo.

Fato é que, durante os últimos anos de Sócrates, quando a Guerra já não ia bem para Atenas, discutiam-se todo o tipo de ideias novas para mudanças na sociedade, inclusive sociedades lideradas por mulheres ou onde as mulheres tivessem, ao menos, mais voz.

Mas certamente não me lembro de semelhantes ideias sendo cogitadas *antes* da Guerra, ou nos seus primeiros anos, quando muitas dessas coisas de que Sócrates alegava se lembrar – tais como conversas com uma certa Diotima – teriam acontecido.

*Euclides* Tu não estás sugerindo que ele tenha inventado aquela história, ou estás?

*Aristófanes* Não. Estou apenas dizendo que um pouco de cautela vem a calhar, quando alguns de seus protegidos mostram-se determinados a escrever as suas memórias, tomando por base as supostas lembranças de conversas que o próprio Sócrates teria tido em períodos anteriores de sua vida, ou ainda as lembranças que outras pessoas teriam dessas conversas. Essa me parece ser a receita para a produção de muitas imagens diferentes – e talvez até imagens conflitantes – de Sócrates, baseadas na forma mais incerta de comprovação que sou capaz de pensar – a memória dos velhos. Tal coisa será *efetivamente* exasperadora; *um* Sócrates já fez bastante estrago.

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

*Demócrito* Ah, pare já com isso, Aristófanes. Tu és insuportável quando ages assim. O que *tu* fizeste da vida além de zombar dos outros – e ganhar prêmios por isso? Depois que Cléon começou a te perseguir, nunca mais escreveste uma peça sobre um político no poder. E mesmo as tuas peças corajosas, em que *de fato* bates de frente com Cléon, podem ser vistas retrospectivamente como somente uma tolice juvenil ao invés de coragem. Onde estavas tu quando massacramos os mélios? Ou quando votamos a execução dos nossos oito generais? Ou quando Crítias e sua gangue derramavam sangue pela cidade? Ou quando Sócrates sofreu aquelas acusações malévolas? Não se ouviu sequer uma palavra tua. Só algumas peças engraçadas sobre poetas trágicos, e greves de sexo, e a vida na Cucolândia-nas-Nuvens. Fora isso, o que fizeste como cidadão nos últimos vinte anos, além de proteger a ti mesmo? Quem fez o estrago mais duradouro a Atenas, um Sócrates disposto a enfrentar a turba pelos oito generais e que arriscou sua vida recusando-se a obedecer a um Crítias, ou um comediante cauteloso?

*Aristófanes* Ouve. A cidade precisava de uma válvula de escape naqueles anos terríveis. E eu lhe dei uma. Não tenho nenhuma vergonha disso. Sim, Sócrates mostrou coragem. E eu o admirei por isso. Mas ele conjugava essa coragem com muitas outras coisas que a mim pareciam – como também a muitas outras pessoas – serem perigosas em tempos de guerra. Mas já disse o que tinha a dizer sobre isso. Vós haveis de deificá-lo de diversas formas, pouco importa o que *eu* diga. Mas ainda penso que escrever memórias baseadas em rumores – mesmo

que se trate de rumores do próprio Grande Homem – podem prejudicar mais do que ajudar. Como a história de *Ésquines* sobre Aspásia.

*Antístenes* Mas há, de fato, alguma base para a história. Tu te esqueces de que eu era amigo de Sócrates vinte anos *antes* de *Ésquines*, e eu estava lá, de fato, nos momentos em que Sócrates costumava falar com ela; e ele alegou, por diversas vezes, ter aprendido muito com ela, como também o fazia com relação Diotima. Tu também te esqueces de que ela viveu, depois da morte de Péricles, até atingir uma idade bastante avançada, e que só veio a morrer há apenas uns seis ou sete anos. Durante esses anos muitas pessoas costumavam consultá-la. Ela possuía, veja só, uma espécie de *salão* intelectual, bem ao lado de seu bordel, e Sócrates esteve *lá* em diversas ocasiões, bem como muitos outros intelectuais, como Anaxágoras. Eles acreditavam que ela fosse tão inteligente quanto eles, e o diziam a todos que quisesses ouvi-los.

*Aristófanes* Tu estás certo; havia me esquecido de que tu estavas lá naquela época. Então, ao menos neste caso, há algum fundamento para essa história. Mas eu ainda me preocupo com todas as histórias que ficarão sem qualquer corroboração. Mas eu já disse tudo o que, por ora, tinha a dizer, de modo que vou me calar.

*Aristipo* Eu ouvi corretamente? Aristófanes vai se calar? Não posso acreditar.

*Aristófanes* E não deves. Pois minha promessa, meu caro Aristipo, *não* vale para ti. (*Sorri*).

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

*Aristipo (falando baixo)* Por que fui abrir minha boca? (*Risos*).

*Aristófanes* Boa pergunta. *Tu* não estás entre os que planejam redigir as memórias de Sócrates, suponho? Tu já praticaste um pouco de escrita-de-adoração, pelo que sei. Dois vívidos retratos de Laís até agora, e talvez mais ainda por vir.

*Aristipo* Lamento desapontá-lo. Pretendo deixar que Platão e *Ésquines* e os demais cuidem da escrita.

*Aristófanes* Mas que coisa! Eu tinha tanta certeza de que escreverias algo que já tratei de ridicularizá-lo na minha próxima peça. Que praga. Odeio ter de des-escrever, especialmente meu melhor material. Oh, não aguento isso; aquele magnífico retrato de ti, Sócrates e Laís como um triângulo amoroso nunca verá a luz do dia!

*Demócrito* Então *estás* planejando mais gracejos? (*Gracejos seguros, é claro*). Pensei que já estivesses velho demais para isso. Tens mais algo para contar? (*Além da história da Laís; seria uma pena abrir mão dela, concordo*). Vamos lá. Estás entre amigos aqui.

*Aristófanes* Homens engraçados só têm inimigos. Até mesmo *velhos* engraçados. Mas a resposta para a tua pergunta é Sim.

*Demócrito* Bem, não sejas tímido; conte-nos. Nada de mal pode te acontecer agora. A última pessoa que conseguiste ofender está morta já há muito tempo. Uma ou duas amostras, e já será o suficiente.

*Aristófanes* Gostaria de poder fazê-lo. Mas o que restou para ridicularizar? À exceção dos candidatos de sempre: as prostitutas e seus clientes, os novos-ricos, os ladrõezinhos, os vigaristas, os fanfarrões. Mas já fiz tudo isso.

*Demócrito* E que tal uma outra peça sobre as mulheres? Teu último grande sucesso foi Lisístrata. Teria essa grande mina se esgotado?

*Aristófanes* Curioso que tu digas isso. Eu *de fato* estava aventando a possibilidade de escrever uma nova peça sobre as mulheres. E sobre as novas ideias políticas.

*Demócrito* Estavas?

*Aristófanes* Sim. A Guerra fez com que todos comessem a falar sobre sistemas políticos alternativos àquele que fez com que acabássemos derrotados. Então poderia ser divertido ver como seria se as mulheres estivessem no comando. Lembro-me de Platão, faz três Olimpíadas, defendendo veementemente a necessidade de mudanças. E isso incluía, se me recordo bem, a possibilidade de mulheres exercerem um papel mais relevante numa sociedade melhor.

*Platão* Então tu te lembraste, Aristófanes. Obrigado! Suponho que seja isso que faz com que sejas tão bom em teu trabalho; tu prestas atenção nas coisas.

*Aristófanes* Obrigado a *ti*, Platão. Mesmo que, como também me recordo, em tua nova sociedade pessoas como eu seriam as primeiras a ficarem *sem* trabalho.

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

*Platão* Bem, tu não tens com que se preocupar, Aristófanes. Ainda demorará um bom tempo até que eu escreva minhas ideias a esse respeito, e mesmo depois disso não imagino que nada venha a acontecer. Portanto, continua escrevendo. E, por favor, tenta parar de dizer que Sócrates era um sofista.

*Demócrito* Para de pedir isso a ele, Platão. Tu sabes que ele não o fará.

*Platão* Mas o que mais posso fazer, se ele está tão ridiculamente errado?

*Demócrito* Bem, consigo pensar em uma coisa.

*Trasímaco* Consegues? Conta-nos.

*Demócrito* Por que não fazer o que filósofos (e alguns sofistas) às vezes fazem, isto é, *conceder* o ponto em discussão, a título de hipótese, e ver aonde isso nos leva? A técnica produz, às vezes, resultados interessantes.

*Trasímaco* Então o que vais conceder?

*Demócrito* Bem, por que não começamos por afirmar – apenas a título de hipótese, é claro – que Sócrates *era* um sofista.

*Ésquines* Vou-me embora.

*Platão* Não faças isso, *Ésquines*. Estamos ouvindo um *amigo* de Sócrates. Ouve o que tem a dizer.

*Demócrito* Obrigado, Platão. Embora eu entenda a irritação de *Ésquines*.

Bem, como eu estava dizendo, vamos supor que Sócrates *era* um sofista. E *então*? Ficamos então obrigados a determinar de que modo – se é que de algum modo – ele seria um sofista que diferisse de todos os outros sofistas. E diferente a tal ponto que, de fato, ele mesmo e muitos de seus amigos achavam que ele *não era* um sofista.

*Aristófanis* Essa palavra “sofista” será o nosso fim. Quem foi o tolo que a excogitou?

*Demócrito* Como eu estava *tentando* dizer, para completar nossa tarefa precisamos examinar cuidadosamente duas coisas, a saber, como Sócrates falava e como ele agia. Tudo isso vos parece razoável?

*Ésquines* Até aqui, sim.

*Demócrito* Agora vem a parte mais difícil. Suponhamos, ademais, que, apesar dos alertas que Sócrates constantemente fazia, e apesar de muitas das suas crenças não serem partilhadas por outros sofistas, a sua maneira de argumentar a muitos parecia não diferir significativamente do modo como muitas pessoas que orgulhosamente se intitulam sofistas tendem a argumentar. Estou procurando ser bem cuidadoso aqui; estamos falando apenas de como Sócrates era *visto* por muitas pessoas. Estais me acompanhando até aqui?

*Euclides* Até aqui, tudo bem. Perspectivas como essas levaram ao seu julgamento.

*Demócrito* De certo modo, sim. Mas isso nos leva a uma suposição adicional – a título de hipótese, é claro.

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, ‘Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*’, p. 275-340

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

*Aristipo* E qual seria?

*Demócrito* Bem, vamos supor que, para além do modo como as suas argumentações eram percebidas (e, possivelmente, erroneamente percebidas), ele não tivesse uma boa reputação no tangente à escolha de alguns de seus amigos e discípulos. Alcibíades e Crítias imediatamente nos ocorrem como os mais claros exemplos disso; Aspásia e talvez até Aristipo, aqui presente, constituam exemplos menores. Certamente, vós não sois obrigados a considerar que tal reputação esteja fundada em bases sólidas; estou simplesmente sugerindo que essa *era* a sua reputação (*olhando para Aristófanes*) em certos meios. Ainda estais me acompanhando?

*Platão* Creio que sim. Mas para onde isto está nos levando?

*Demócrito* Eu mesmo ainda não sei muito bem; pensar alto é uma de minhas fraquezas. Mas tenho de trazer à luz todas as suposições, tal como as vejo, antes de qualquer coisa. Acrescentemos, pois, mais uma. Podemos supor que ele também era visto, em certos meios, como alguém que, por vezes, não julgava adequadamente o que deveria *ensinar* a seus alunos, especialmente em tempos de guerra?

*Ésquines* Não podes estar falando seriamente. O que, dentre as coisas que ele ensinou a seus alunos, pode ter sido considerado perigoso?

*Demócrito* Bem, que tal a sua ideia de que devemos dar sequência ao argumento, custe o que

custar? Supõe, por exemplo, que a pauta do dia seja: quem está mais com a razão nesta guerra, Atenas ou Esparta? Supõe também que a maioria dos argumentos nesta discussão vem a favorecer a causa espartana? Não estou dizendo, é claro, que ele jamais tenha posto esta questão *em particular*, e com estas palavras. Eu apenas estou dizendo que ele deixou a impressão nas mentes de muitas pessoas de que para ele *nada*, não importa o quão sagrado, estivesse além dos limites do que se pode discutir. E isto certamente aterrorizou muitas pessoas, especialmente pessoas de mentalidade tradicional. Sobretudo quando, como digo, se está lutando uma guerra que pode vir a causar a sua aniquilação.

*Ésquines (virando-se para Platão)* Quem foi que disse, há pouco, que este homem era *amigo* de Sócrates?

*Platão* Sim, *eu* o disse. Mas já não estou mais tão certo disso.

*Demócrito* Não há motivo para dúvida, Platão; tua opinião inicial estava correta. Posso continuar?

*Platão* Por favor.

*Demócrito* Creio que o que estou tentando dizer é que podemos provavelmente conceder tudo isso aos críticos de Sócrates e *ainda* assim terminar por admirá-lo.

*Trasímaco* Não podes estar falando seriamente. Tu acabaste de descrever uma pessoa que constitui uma ameaça.

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

*Demócrito* Fiz sem o perceber. Mesmo que aquela listinha de seus supostos defeitos venha a se mostrar como solidamente fundada.

*Trasímaco* Suponho que o que estás dizendo é que tens uma *outra* listinha para contrabalançar a primeira?

*Demócrito* Bem, essa é uma das formas de dizê-lo. Mas se é uma lista, Trasímaco, ela é bem curta. Quero dizer que ele foi, de qualquer modo, a melhor pessoa de nossa geração, e, possivelmente, de muitas gerações.

*Aristófanes* Uma afirmação forte, Demócrito. Por que não conjuras de dentre os mortos alguns daqueles que tiveram seus pescoços cortados por Crítias e dizes o mesmo a *eles*?

*Demócrito* Tu disseste, certa vez, Aristófanes, que até gostavas de Sócrates, assim como ele certamente gostava de ti; eram apenas algumas das coisas que ele *fazia* que te incomodavam.

*Aristófanes* Sim. Ele era um bom homem, mas também uma ameaça.

*Demócrito* Mas com relação a quem ou a que ele *era* uma ameaça?

*Trasímaco* Com relação a Atenas, é claro. Ele pode tê-la amado; mas ele lhe fez muito mal.

*Demócrito* Bem, para usar as suas próprias palavras, isso depende completamente do que tu queres

dizer com “fazer mal”. Como sabem todos, ele sustentava que o único mal verdadeiro que se pode fazer a alguém é tornar ele ou ela uma pessoa pior. E o único mal que se pode fazer a uma cidade é torná-la uma cidade pior. Transformando, por exemplo, uma democracia numa tirania. Segundo *este* entendimento da noção de fazer mal, Sócrates nunca intencionalmente fez mal seja a sua cidade, seja a qualquer indivíduo nela.

*Trasímaco* Mas aí está a fraqueza do seu argumento – a palavra “intencionalmente”. Claro, Sócrates nunca pretendeu fazer mal; ele pretendeu fazer o bem. Mas todos nós sabemos a confusão que os que querem fazer o bem são capazes de criar.

*Demócrito* Obrigado por essa observação, Trasímaco; ela finalmente nos ajuda a nos aproximar do cerne de tudo isso. Concordemos contigo, em nome de Sócrates, que ele era, de fato, de acordo com algumas de suas palavras, ações, escolha de discípulos e conhecidos, e assim por diante, uma ameaça não-intencional e involuntária à cidade. Segue-se disso que ele tenha feito mal, ou ao menos corrido o risco de fazer mal, seja a algum indivíduo de sua cidade, seja à cidade como um todo?

*Aristófanes* Seus juízes pensaram que sim, assim como muitas outras pessoas.

*Demócrito* E isso, por acaso, vale alguma coisa para ti? Em tuas primeiras peças tu terias escarnecido dessa ideia. Aquilo que tens de enfrentar – e tu o sabes – é a definição de Sócrates de *fazer mal*. Ele está no caminho certo com essa definição ou não?

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, ‘Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*’, p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

Porque se ele estiver, tu terás talvez que repensar muitas coisas.

*Aristófanes* É possível. Mas se ele estiver no caminho *errado*...

*Demócrito* Esse é um risco que estou disposto a correr. Que vença o melhor argumento.

Querem mais vinho, meus caros?

(*Todos bebem*).

Voltemos a nossa discussão. Do que entendo de Sócrates, sua visão era de que se faz mal a alguma coisa, no sentido próprio da expressão “fazer mal”, quando se causa dano a uma coisa no que diz respeito ao que ela, em si mesma, é. Perder um dedo é algo relativamente banal, pois com isso eu não sou prejudicado enquanto ser corpóreo; enquanto algo corpóreo, eu posso sobreviver a isso. Já se vier a perder minha cabeça, não poderei sobreviver, enquanto ser corpóreo.

Como vós todos sabeis, Sócrates vai muito além disso, para o supremo desgosto de pessoas como Trasímaco, quando argumenta que, mesmo que eu perca a minha cabeça, o meu verdadeiro eu ainda sobreviverá, ainda que o mesmo não valha para o meu eu corpóreo. Sendo assim, no intuito de tentar ganhar a simpatia de todos, inclusive a de Trasímaco, a respeito do que direi a seguir, deixarei, por ora, essa questão de lado, como se Sócrates não tivesse tratado dela.

*Ésquines* Temos de ser tão gentis assim com Trasímaco? Ele pensa que gentileza é para bobões.

*Trasímaco* Isso é verdade. Tu não precisas ser gentil comigo, Demócrito; já sou bem grandinho.

*Demócrito* Sem dúvida. Mas presumo que tu não me *proibirias* de ser gentil contigo?

*Trasímaco* Não poderia, nem se o quisesse. Então por que simplesmente não prossgues?

*Demócrito* Pois bem, voltemos à questão de se fazer mal ao Estado. Se compreendi corretamente o que Sócrates quis dizer, o único autêntico mal que eu posso fazer ao Estado é torna-lo um Estado pior. Sendo assim, o único mal verdadeiro que eu posso fazer a um Estado democrático como Atenas é ajudá-lo a tornar-se um estado pior, por exemplo, uma tirania.

*Críton* Tu não estás sugerindo que estamos livres para fazer qualquer coisa *numa e a* uma democracia, contanto que nos abstenhamos de fazer com que ela se corrompa numa tirania?

*Demócrito* Não, não estou sugerindo isso, Críton, nem Sócrates, creio, teria sugerido tal coisa. O que interessa é que façamos tudo o que pudermos para fazer dela a melhor forma possível de democracia. E um modo de consegui-lo é fazendo o papel de cidadão participativo e responsável. É exatamente a isso que se reduzem as nossas instituições.

*Trasímaco* Mas é exatamente isso que Sócrates não fez. Com que frequência ele comparecia à assembleia e participava do debate público?

*Demócrito* Raramente, devo admitir. Mas quando o fazia, ele agia com inteligência e coragem, como

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

no caso da condenação de nossos oito generais. Mas sua decisão de viver uma vida nas margens da política não é nada difícil de explicar. Sócrates descobriu bem cedo que uma fraqueza crucial da democracia, tal como praticada em Atenas, era sua tendência para produzir demagogos. Num ambiente como esse havia pouco espaço para discussões sérias; a assembleia era lugar para se festejar o líder do momento, não para a tediosa escuta de todos os lados de um argumento. Então ele, de certo modo, a abandonou, com exceção das raras ocasiões em que ele realmente se sentiu compelido a estar presente, tendo procurado fazer o seu papel de cidadão responsável da forma que ele considerava ser a mais frutífera. E todos nós sabemos que forma era essa.

*Trasímaco* Mas tu acabaste de admitir que centenas de pessoas exerciam seus papéis cívicos com muito mais assiduidade do que ele. Eles realmente compareciam e participavam do processo político.

*Demócrito* Que eles compareciam, Sócrates jamais teria negado. Mas o que eles faziam, quando compareciam, era exatamente ajudar a conduzir a cidade na direção da tirania, com seu apoio irrefletido aos demagogos. Ao fazê-lo, eles, sem dúvida, julgavam estar agindo como cidadãos respeitáveis e que promoviam o bem; mas, como tu mesmo disseste, todos nós sabemos a confusão que os que querem fazer o bem são capazes de criar.

*Aristófanes* Então estás dizendo que Sócrates era um cidadão melhor que os demais?

*Demócrito* Bem, digamos que não sou capaz de nomear alguém que fosse *claramente* melhor do que ele como cidadão. Que é, afinal, um bom cidadão? Um bom cidadão é, num sentido básico, aquele que participa da vida da democracia, comparecendo assiduamente às reuniões da assembleia e assim por diante, ainda que somente para aplaudir o demagogo da vez. Neste sentido mínimo, muitos atenienses são bons cidadãos, e o foram durante toda a Guerra.

*Aristófanes* E Sócrates os teria chamado de bons cidadãos?

*Demócrito* Talvez, mas se o questionassem ele teria dito que estava usando a palavra “bom” simplesmente naquilo que ele chamava de sentido “popular”.

*Trasímaco* Isso me soa arrogante. Que outro sentido pode haver para a palavra “bom” a não ser aquele usado pelas pessoas comuns?

*Platão* Não é possível que tu jamais tenhas ouvido com atenção ao que Sócrates dizia.

*Trasímaco* Ah, sim, eu ouvi. Apenas achava que ele não tinha nenhum motivo plausível para *imaginar* qualquer outro sentido da palavra, só isso. Mas deixemos isso de lado, por ora; estou mais interessado no que Demócrito tem a dizer a respeito do motivo pelo qual Sócrates teria sido um cidadão melhor do que todos os outros.

*Demócrito* Voltaremos a isso em breve. Agora eu só quero dizer que, tal como eu entendo Sócrates, ele teria considerado pelo menos dois tipos

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, “Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*”, p. 275-340

# άρχαι

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, “Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*”, p. 275-340

de cidadãos como sendo superiores àqueles que, há pouco, chamei de bons cidadãos em sentido “básico”. Um seria aquele que procurasse, dentro do possível, *aprimorar* a democracia na qual vivesse. Outro seria aquele que, de modo mais ousado, estivesse disposto a investigar a possibilidade de que possa, talvez, haver outros tipos de sistemas políticos *superiores* à democracia.

*Platão* E tu estás dizendo, suponho, que esse era o tipo de ousadia *própria* de Sócrates? E que esse seria o motivo pelo qual ele seria significativamente superior como cidadão em relação a todos os demais?

*Demócrito* Sim, é isso.

(*Pausa*).

*Platão* Bem, deixe-me dizer, em primeiro lugar, o quão tocado estou de que um filósofo que, em minhas estimativas, deveria ser, logicamente, o pior inimigo de Sócrates, acabe por ser um de seus melhores amigos. E alguém que o *compreendeu* tão bem – possivelmente melhor (*olha para Aristipo*) do que muitas pessoas mais próximas dele.

*Aristófanes* Mas não o suficiente, infelizmente. Continua, Platão, dize-o; já posso ver as tuas narinas começando a arfar.

*Platão* Expressaste-o com cores bem vivas, Aristófanes. E é verdade que eu realmente quero – como devo dizê-lo? – *acrescentar* algumas palavras ao que nosso amigo Demócrito acaba de dizer.

*Aristipo* Estamos todos ouvindo. (*Olha à volta*). Bem, *eu* estou, pelo menos. Quem sabe tu não me ensinas algumas coisas que o próprio Sócrates aparentemente não pôde.

*Platão* É possível. Mas somente se tu cortares teus repugnantes laços com Laís.

*Aristipo* De novo, Laís. Eu deveria ter imaginado. Pois bem, o que há de errado em ter um pouquinho de prazer? Sócrates não tinha nada contra um pouquinho de prazer. Lembro-me de que ele certa vez falou longamente sobre isso com Protágoras. E ele superou Alcibíades, e muito, na bebida, pelo menos uma vez. Ele era completamente a favor da fruição moderada de prazeres – como um objetivo. E eu gosto disso.

*Platão* Sem dúvida; especialmente se, como tu o fazes, compreende-se o “objetivo” em questão como “o objetivo”! A diferença entre ti e Sócrates é que ele *alcançou* o seu próprio objetivo, e tu não. E não mostras sinais de estar tentando.

*Aristipo* Tu estás dizendo que eu te envergonho?

*Crítón* Um pouco; alguns diriam “muito”. Nós, socráticos, podemos ter as nossas diferenças, mas temos certos referenciais em comum. Tu alegas que teu objetivo é não ser escravo de nenhum prazer em particular, ou tipo de prazer, mas tu sempre achas um espacinho para uma grande exceção.

*Aristipo* E qual seria?

*Crítón* Falo a verdade. Mas estamos nos desviando, de novo; sempre acontece isso quando se menciona

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, ‘Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*’, p. 275-340

# άρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

o nome de Laís. Platão estava, eu acho, tentando dizer algo.

*Platão* Sim, eu fiquei intrigado com o patamar de ousadia que Demócrito achou que Sócrates alcançara. O que ele disse parece-me correto, mas suspeito que há mais para se dizer, se não sobre Sócrates, então sobre os diversos patamares de ousadia. Sócrates certamente procurou investigar a possibilidade daquilo que ele supunha serem *formas* melhores de democracia. *Ésquines* já mencionou a conversa que Sócrates teve com Cálías a respeito de enviar seu filho a Aspásia para ser instruído, tendo deixado claro naquela ocasião que pelo menos algumas *mulheres* seriam tão capazes quanto os homens de tomarem parte na política. E isso certamente conduziria a uma forma drasticamente nova de democracia. Tenho certeza de que tu concordarias com isso, Aristófanes?

*Aristófanes* Com certeza. Mas por que te diriges a *mim*?

*Platão* Ah, eu estava apenas me perguntando se tu serias capaz de reconhecer o *autor* da ideia, quando, por fim, vires a escrever aquela tua nova peça sobre *mulheres* mandando nas coisas por um tempo.

*Aristófanes* Não ponhas ideias em minha cabeça, meu caro Platão. Quando vires o que as mulheres em minha peça acabam fazendo, te sentirás menos inclinado a exigir o devido reconhecimento para o teu herói. Mas estamos nos desviando de novo. Vamos ouvir mais sobre os – que termo foi que usaste? – patamares de ousadia.

*Platão* Bem, falávamos, pelo que me recordo, a respeito do quão longe o próprio Sócrates foi em seu desafio à democracia como sistema. Meu próprio parecer é que ele alcançou, mais ou menos, o estágio final mencionado por Demócrito, mas ele nunca, eu acho, chegou ao ponto de sustentar que Atenas sair-se-ia melhor com um sistema completamente diferente – como aquele de Esparta, por exemplo. O máximo que fez foi afirmar que poderíamos *aprender* muito com os espartanos. Em particular, nós poderíamos aprender a fundar (ou, como diriam alguns amigos de Péricles, reinstaurar) uma forma de “democracia guiada”, na qual combinaríamos nossa democracia com o que há de melhor na autocracia. O mesmo tipo de coisa que o velho Protágoras parece ter tido em mente. Porém –

Querem mais vinho, meus caros?

(*Todos bebem*).

Eu mesmo, porém, não tenho certeza se semelhante ponto de vista constitua o supremo patamar de ousadia. Há certamente pelo menos dois patamares ainda mais altos.

*Trasímaco* Acho que sei aonde queres chegar. A última vez que começaste esse tipo de conversa foi exatamente aqui, três Olimpíadas atrás.

*Platão* Obrigado por te recordares, *Trasímaco*. Agradecer-te-ei ainda mais se fores capaz de te lembrar exatamente do que eu disse.

*Trasímaco* Será um prazer. Tu disseste que a democracia era in-salvável, e que aquilo de que o mundo

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, ‘Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*’, p. 275-340

# άρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

precisava era duma forma drasticamente *diferente* de sociedade. Tu não falaste sobre a *ousadia* envolvida em dizer ou escrever isso, mas suponho que seja a respeito disso de que estejas falando agora. Estou certo até aqui?

*Platão* Perfeitamente correto.

*Trasímaco* Mas não me recordo de falares de qualquer patamar *mais alto* que esse.

*Platão* É verdade; eu não o fiz.

*Trasímaco* Por que tu não havias pensado a respeito, ou por que não querias falar a respeito?

*Platão* A última opção. Como todos os outros, eu não sabia como a Guerra terminaria, e pareceu-me ser prudente usar de alguma discrição.

*Crítón* Mas agora te sentes um pouco mais confortável?

*Platão* Um pouco. Mas não confortável o suficiente para realmente considerar o último patamar.

*Euclides* Que seria?

*Platão* Meu caro Euclides, tu reconhecerás seu caráter extremo tão logo eu o mencione. Imaginemos, por um instante, que eu mesmo um dia praticarei a penúltima maior ousadia, *escrever* a respeito daquela sociedade verdadeiramente boa, que supera de longe a democracia. Se eu o fizer, porém, ainda terei, tal como Sócrates, parado na barreira apresentada pela

*mudança* de fato. E, nesse respeito, serei um homem inferior a Sócrates. Porque, enquanto ele também não fez esforços para mudar o próprio sistema em que se encontrava, ele fez muitas coisas profundamente corajosas *dentro* daquele sistema, como já outros aqui presentes indicaram. Eu mesmo, ao contrário – e tenho plena consciência das duras palavras de Demócrito dirigidas a Aristófanes – não fiz nada além de procurar proteger a mim mesmo, como também fizeram todos os demais, quando o perigo se fez presente nos estertores da Guerra, e logo depois de seu fim.

*Trasímaco* E isso faz com que nosso jovem revolucionário sintam-se mal, faz?

*Platão* Se estás me perguntando se penso que vivi os últimos anos agindo de modo não muito corajoso, a resposta é Sim.

*Trasímaco* Que ridículo. Quem era esperto ou deixou o lugar enquanto pôde ou ficou e tratou de se proteger do melhor modo possível. Mas não entremos nisso; tu já *me* ouviste além do limite do suportável a esse respeito, tal como também eu já *te* ouvi além do suportável.

*Platão* Estou muito satisfeito que nos entendamos tão bem. (*Sorri*).

*Trasímaco* Mas ainda desejo ouvir-te falar acerca do que chamas de “mudança de fato”. Ainda estás disposto a falar a respeito, espero?

*Platão* Claro, nem que seja só para agradar a Euclides. A mim parece que só há duas maneiras

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, ‘Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*’, p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, “Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*”, p. 275-340

de mudar as coisas: ou nós mesmos promovemos a mudança ou o faz alguém que seja sábio o suficiente para enxergar por que ela é *necessária*, que *queira* profundamente realizá-la e que seja forte o bastante para *consegui-lo*. Uma grande tentação é tentar agir por conta própria, mas essa é uma tentação a que se deve resistir, uma vez que o fracasso é quase certo, e tudo que se demonstrará com semelhante tentativa é o que Sócrates chamaria de bravata, não bravura. Desse modo, tentativas “pessoais” deste tipo não figuram dentre aqueles que chamei de diversos patamares de bravura.

*Euclides* Mas a tua outra alternativa figura?

*Platão* Sim. Porque neste caso todas as condições são satisfeitas, e o risco é racional (ou, como Sócrates teria dito, “nobre”). Parte da sabedoria de Sócrates (e espero segui-lo nisto) é que ele conhecia os limites do que ele mesmo era capaz de atingir, e sempre permanecia dentro deles. Outros – por exemplo, um monarca esclarecido, absoluto, com juventude, vigor e um profundo desejo de fazer as mudanças necessárias – serão aqueles que de fato *ocasionarão* mudanças.

*Aristófanes* Mas onde está a bravura deles? Se eles são assim tão fortes, não existe qualquer risco, e como pode haver bravura sem risco?

*Platão (sorrindo)* Por que os comediantes sempre fazem as melhores perguntas? Talvez fosse por isso que Sócrates era tão afeito a ti, Aristófanes – apesar de tudo. Mas para responder-te da melhor forma que posso, acredito que o patamar mais alto de bravura

é, de fato, uma variante daquele de que eu falava ainda agora. Sendo assim, o nosso grande gerador de mudança será, não um monarca absoluto, mas sim um *soldado* que *luta* para acabar com uma sociedade ruim e substituí-la por aquela que tenho em mente. Este é, creio, um risco grande o bastante para te satisfazer, Aristófanes?

*Aristófanes* É, sim.

*Demócrito* Já tens alguma dessas pessoas em mente?

*Platão* Ainda não, Demócrito. Mas espero reconhecê-lo se um dia encontrá-lo.

*Trasímaco* Essa conversa sobre soldados me faz pensar em batalhas. E uma conversa sobre batalhas me faz lembrar que amanhã é dia de pancrácio. E todos nós precisamos estar bem descansados para isso. Então por que não bebemos uma última rodada e marcamos nosso último encontro amanhã à noite?

*Aristófanes* Eu brindo a isso.

*(Todos bebem).*

### 3º ATO

*Na noite seguinte, no mesmo lugar. O sofista Górgias juntou-se ao grupo.*

*Trasímaco* Fantástico! Que surra! Mas antes de começarmos a falar disso, deixai-me apresentar um ilustre convidado: Górgias; e ele me diz que está aqui

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

para sua décima Olimpíada, como orador e como amante dos Jogos.

(*Todos se saúdam*).

Já te disse, meu caro Górgias, sobre o que nós conversamos nas duas últimas noites, mas, antes de qualquer coisa, precisamos falar sobre o pancrácio ou morrerei. Téon não foi verdadeiramente magnífico?

*Crítón* Referes-te ao brutamonte que venceu?

*Trasímaco* Refiro-me a Téon, a glória de Larissa, que nos mostrou a essência da vida: destrói teu oponente o mais rápido possível e orna-te altaneiro com a coroa de louros da vitória. Ele não foi esplêndido? O modo como ele vergou as costas de seu pusilânime oponente a ponto de quase quebrá-la, e então lhe aplicou uma gravata. Tudo em questão de segundos. Estou admirado que seu adversário tenha conseguido erguer a mão a tempo para reconhecer a derrota.

*Fédon* Queres dizer que *lamentas* que ele tenha erguido a mão a tempo?

*Trasímaco* Bem, creio que queira dizer isso, sim. Sempre quis ver alguém morrer no pancrácio.

(*Silêncio*).

O que há de errado com todos vós? Não é isso que *todos* vós, em segredo, desejam? Por que não o admitis? Não queremos todos nós uma repetição daquela maravilhosa luta ocorrida nos jogos da 54<sup>a</sup> Olimpíada, quando o desafiante conseguira aplicar

uma gravata no grande Arríquion, que buscava sua terceira vitória consecutiva em Olimpíadas, mas Arríquion então pegou o tornozelo *dele* e de alguma forma conseguiu quebrá-lo? A dor que ele sentiu quanto seu tornozelo quebrou foi tão lancinante que ele lançou sua mão para o alto reconhecendo a derrota, mas exatamente no mesmo instante o *próprio* Arríquion morreu estrangulado! Vós vos lembrais do dilema dos juízes para decidir quem teria vencido a luta? *Aquilo*, sim, é o que chamo de pancrácio, não concordais?

(*Silêncio*).

Não?! Oh, já devia ter imaginado. Temos aqui uma porção de filósofos maricas. Graças a Deus (se me é permitido fazer uso duma metáfora) apareceram agora alguns sofistas para animar as coisas. E um deles particularmente bem reputado; ele ensinou, provavelmente, mais pessoas que Sócrates. Isso é verdade, não é, Górgias?

*Górgias* Pode-se dizer que sim. Dentre eles estavam Péricles e Antístenes (*Antístenes assente*), e também Isócrates, de quem todos vós ouvireis falar muito em breve.

*Demócrito* Creio que deverias mencionar ainda outros: Aspásia, por exemplo, e, é claro, Crítias.

*Górgias* Por que o “é claro, Crítias”? Por acaso eu caí em alguma coisa aqui?

*Demócrito* Numa armadilha? Não exatamente. Não, estávamos apenas discutindo se poderia ser usado

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, ‘Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*’, p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

contra Sócrates o fato de que alguns de seus discípulos tenham se tornado maus, como Crítias, e também aquela com quem ele dizia ter aprendido muito – como a chamariam Aristófanes e Antístenes aqui presentes – aquela influente e sagaz prostituta, Aspásia, que foi, é claro, mais uma dentre os *teus* muitos discípulos. Talvez possas auxiliar-nos a desvendar este enigma.

*Aristófanes* Que enigma? Não há enigma nenhum. Esta é apenas mais uma discussão de *sofistas*. Eles são todos iguais. Quem ensina quem não tem a menor importância.

*Górgias* Sei que é assim que *tu* pensas, Aristófanes; eu ri como todo mundo quando assisti à apresentação das *Nuvens*. Mas tu estás completamente equivocado.

*Aristófanes* Não estás falando sério?

*Górgias* É claro que estou. Tu obviamente não estavas presente quando Sócrates e eu e Cálias e mais algum outro jovem sofista, cujo nome agora me escapa, tivemos uma grande discussão, há um tempo, da qual nunca mais me esqueci. Se eu jamais me vi enfrentando um homem para quem a sofística era o maior dos inimigos, foi justamente nessa ocasião. Eu me dei conta de que jamais poderia haver nenhum terreno comum entre nós depois de ouvi-lo falar interminavelmente sobre a verdade.

*Platão* Tu fazes com que essa palavra soe como um palavrão; estavas quase cuspidando ao pronunciá-la.

*Górgias* Não é bem assim. Como *pessoa*, eu jamais negaria que certas coisas sejam verdadeiras. Mas o

caso é que a minha *profissão* simplesmente não está interessada na verdade. Nós, professores da arte de falar em público, estamos interessados em persuadir, em vencer. Como as coisas, de fato, *são*, não vem ao caso; o que interessa é como *vencer* o caso.

*Demócrito* Mas tu também, de fato, *pareces* negar a *possibilidade* de que haja a verdade. As pessoas ainda falam daquele livrinho que tu escreveste sobre a – como a chamaste? – “Não-existência”. O que foi mesmo que tu disseste?

*Górgias* Oh, *aquilo!* Tu não levaste aquilo muito a sério, levaste? Como era mesmo? Ah, sim.

- Nada existe.

- Ainda que exista algo, não se pode conhecê-lo.

- Ainda que se pudesse conhecê-lo, não se poderia comunica-lo a outrem.

Isso era apenas um quebra-cabeça, ou melhor, um desafio intelectual. Nossa tarefa é ensinar a arte da persuasão, e é preciso conhecer todos os artifícios disponíveis para se atingir a agilidade intelectual exigida pelo nosso mister. E enfrentar enigmas como esse é um excelente treinamento.

*Aristófanes* Mas se tu realmente acreditas na verdade, então o que fazes é apenas ligeiramente diferente do que fazia Sócrates. Ele ensinava em privado, tu ensinas em público; mas vós dois ainda sois sofistas.

*Platão* Eu discordo. Górgias ensina a ludibriar, e, ludibriando, a vencer. Sócrates ensinou-nos a ter por

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, ‘Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*’, p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

meta descobrir a verdade, e, tendo-a descoberto, aderir a ela – custe o que custar. O fato de que tanto ele quanto Górgias admitam ser *verdade*, digamos, que a Macedônia está situada ao norte da Ática, é irrelevante.

*Trasímaco* Exatamente, meu caro Platão; eu mesmo não seria capaz de descrever nossas diferenças de melhor forma. Nós sofistas ensinamos a sobreviver; e sobreviver significa persuadir, custe o que custar.

*Aristófanes* Mas não era este o cerne do ensinamento do próprio Sócrates – a abertura para ser *persuadido* pelo melhor argumento, custasse o que custasse?

*Platão* Observação sagaz, Aristófanes, mas, mesmo com o risco de reforçar o teu ponto de vista de que *todos* nós sejamos sofistas, deixa-me traçar outra distinção, para que tu a examines.

*Aristófanes* Outra distinção. Acho que preciso de mais uma bebida. Bebidas, meus caros?

(*Todos bebem*).

Prossegue, Platão.

*Platão* Bem, digamos que há persuasões e persuasões. Uma faz uso de qualquer tipo de argumento que pareça funcionar; a outra só faz uso de argumentos que permitem que qualquer um os ponha imediatamente à prova. E se o argumento consegue resistir ao escrutínio, ele é preservado; se não, é abandonado, e a discussão segue para o exame de outros argumentos.

*Ésquines* Expressiste a coisa com perfeição.

*Aristófanes* Nem tanto. Eu nunca estive presente, é verdade, mas o que todos me relatam é que as conversas de Sócrates nunca chegavam a conclusão nenhuma. O que quer que suas conversas pretendessem definir – o sagrado, por exemplo, ou a coragem –, elas sempre fracassavam. É claro que se poderia interpretar tudo isso como uma apaixonada busca pela *verdade*, que sempre, por fim, jamais conseguia alcançar sua meta. Mas *há* uma outra explicação possível...

*Fédon* Que seria?

*Aristófanes* Que ele, no fundo, não acreditava que *qualquer coisa* realmente pudesse ser definida! A filosofia era a própria busca, e não a crença de que houvesse algo a ser encontrado no fim da busca.

*Demócrito* Bem, imaginemos que o que disseste seja verdadeiro. Que isso provaria para ti?

*Aristófanes* Provaria que ele pode muito bem ter sido levado, portanto, a sentir uma urgente necessidade de destruir *toda* definição, *independentemente* de seu valor, que viesse a ser exposta num argumento.

*Demócrito* Esplêndido, Aristófanes! Em matéria de sofística, tu superas todos os demais. Tu tens certeza de que nunca assististe a uma ou duas aulas de Górgias?

(*Pausa, e bebe*).

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, ‘Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*’, p. 275-340

Mas tu não esperas que te deixemos falar impunemente essas coisas, ou esperas?

Aristófanes E quem seriam “nós”? Tu já te juntaste ao plantel de Sócrates?

*Demócrito* De modo algum. Mas temo que, se os socráticos aqui presentes tentassem defendê-lo neste respeito, tu apenas zombaria deles, pespegando-lhes a pecha de parasitas anuentes. Então quero defendê-lo eu mesmo, como uma pessoa de fora. Isso não é um problema para ti, espero?

*Aristófanes* De modo algum. Prossegue.

*Demócrito* Bem, se não te importas, gostaria de voltar à técnica que estava explorando na outra noite, a saber, conceder tudo, e ver aonde isso nos leva. Concedamos, pois, a Aristófanes que para Sócrates nenhum termo geral pudesse realmente ser definido, e que a filosofia consistisse mais na própria jornada do que naquilo que se poderia (ou, neste caso, *não* se poderia) descobrir ao fim da jornada.

Isso fazia dele alguém intelectualmente desonesto? Não, não fazia, apesar de certamente expô-lo ao risco de cair ocasionalmente *em* desonestidade. Ele pensava ter alguma vez *sucumbido* a esse risco? Somente ele poderia dizê-lo, e ele não está mais aqui para nos contar. Então temos de formular uma outra pergunta: é *provável* que ele tenha alguma vez sucumbido a esse risco? E, se sim, o quão gravemente ele o teria feito?

Eu ponho a questão deste modo porque quero distinguir o relevante do irrelevante neste assunto.

Se nos perguntarmos: Sócrates gostava de vencer, a resposta é, provavelmente, Sim. Quem não gosta de vencer?

Ele estava disposto a vencer custe o que custar? Com toda certeza, não, a menos que desejemos acusá-lo de estar simplesmente *mentindo* nas muitas ocasiões em que ele afirmou ser seu objetivo que o melhor *argumento* vencesse.

Será que ele eventualmente manipulava argumentos para assegurar que nada jamais pudesse contar como uma definição aceitável de *qualquer* termo? Que a tentação de o fazer existisse, é bastante claro. Já se ele alguma vez *intencionalmente* sucumbiu à tentação, nós não o sabemos.

Poderia ele, por vezes, ter sucumbido *não-intencionalmente* a ela? Mais uma vez, nunca o saberemos, mas, a princípio, dado o que efetivamente sabemos de Sócrates, é mais provável que ele tivesse feito isso do que sucumbido de forma *intencional*.

Então me deixai fazer uma sugestão. Vamos supor que Sócrates *tenha*, algumas vezes, caído na armadilha que mencionei, em geral de modo não-intencional, mas às vezes, talvez, até intencionalmente. Como isso nos ajuda a dar uma resposta a Aristófanes?

*Aristófanes* Eu já estava esperando que chegasses a isso. Só posso me dar ao luxo de ouvir *outras pessoas* falarem por um certo tempo...

*Demócrito* Sócrates, como sabemos todos nós, numa das poucas vezes em que chegou perto de

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

dar uma definição de alguma coisa, disse (de um modo um tanto prolixo) que a coragem envolvia a firme conservação no intelecto duma crença verdadeira acerca do que é, ou não, digno de se temer. Aqui em nossas conversas já discutimos como tal ideia se concretizou em sua própria vida, quando ele sozinho atreveu-se a desafiar o voto de todos os outros a respeito da execução dos oito gerais, ou quando disse “não” para Crítias. O que estou sugerindo é que ele deu prova da mesma coragem, e, quiçá, duma coragem ainda maior, na atividade principal de toda a sua vida, o próprio filosofar. Ao fazê-lo, ele enfrentou dois grandes riscos. O primeiro, o risco de ser profundamente mal compreendido no que diz respeito à natureza da empresa em que ele estava envolvido, e talvez até mesmo ser chamado de hipócrita por muitas pessoas. O segundo, e muito pior, era o risco de corromper-se *ele mesmo* no único aspecto que realmente importava, o bem-estar de sua própria alma. Como ele dizia, o maior mal que se pode fazer a outra pessoa é fazer dela uma pessoa pior. E se pode ter certeza de que ele também acreditava que o maior mal que se pode fazer a si mesmo é fazer de *si mesmo* uma pessoa pior.

Ele estava disposto a correr ambos os riscos, e, de fato, ele correu esses riscos, por toda uma vida.

Quaisquer que sejam nossas opiniões quanto às *crenças* de Sócrates, e todos, exceto os socráticos aqui presentes, têm dúvidas quanto a muitas delas, mesmo as mais elementares, aquilo com o que todos nós estamos de acordo é a sua coragem de correr esses dois riscos. Fosse na assembleia, fosse

na intimidade de uma conversa na ágora, ele tinha um profundo e indiscutível senso do que é ou do que não é digno de se temer, do que é digno de que se arrisque *tudo* e do que não o é. E é *aqui*, penso eu, que nós podemos ver com grande clareza a sua marca distintiva, aquilo que o separa não apenas dos sofistas, mas de todos os outros *filósofos* de que tenho conhecimento. Se suas *opiniões* sobre diversos assuntos vão sobreviver, não o sei dizer. O que sinto que certamente *vai* sobreviver é a nossa sensibilidade para a sua nobreza de correr quaisquer riscos nos assuntos que ele achava dignos de que se arriscasse tudo.

Pronto. Já disse o que tinha a dizer.

(*Silêncio generalizado*).

*Ésquines* Eu, como também Platão anteriormente, estou impressionado de ouvir tais coisas de alguém que, em tese, deveria ser o maior inimigo de Sócrates. E quero agradecer-te profundamente por tuas palavras, Demócrito. De minha parte, não posso deixar de sentir que a filosofia tenha chegado ao fim com Sócrates. Tudo o que resta a fazer é que seus amigos preservem sua memória.

*Platão* Eu já não tenho tanta certeza disso. Suspeito que estamos apenas no começo das coisas. É claro que só posso falar eu meu próprio nome, mas simplesmente não consigo imaginar Antístenes ou Euclides aqui presentes totalmente satisfeitos em passar o resto de suas vidas apenas repetindo interminavelmente Sócrates. Até mesmo Aristipo pode vir a aparecer com seu próprio sisteminha.

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

*Górgias* Aprecio muito o seu otimismo. Mas não tenho lá muita certeza de que Atenas esteja em condições de abrigar as primícias de coisa alguma, inclusive novas tendências de pensamento. Acompanhei-a durante seus muitos anos de grandeza, depois durante todo o período da Guerra, até sua derrota final. Estamos acabados. Tudo o que podemos esperar é a vida de uma cidade medíocre. A vez agora é de Esparta, e depois – quem sabe? – a vez será de outros. Tebas, talvez, ou Argos. Mas o sol não brilha mais para nós. Jamais veremos outro Ésquilo, ou Sófocles, ou Eurípedes. E Aristófanes aqui presente foi reduzido à irrelevância. Sinto muito; espero que não te tenhas ofendido, Aristófanes?

*Aristófanes* Eu, ofendido? Alguém que dedicou a sua vida a ofender? Tu falas a absoluta verdade. Desde que parei de enfrentar políticos, só produzi banalidades.

*Euclides* Isso também incluiria tua próxima peça sobre as mulheres no poder?

*Aristófanes* Deixe-me escrevê-la primeiro. Mas se nela eu não puder satirizar um político de carne e osso, certamente será apenas *mais* uma banalidade. Ainda que divertida, espero.

*Górgias* captou bem a coisa, eu acho, pelo menos em grande parte. Politicamente, estamos acabados. Artisticamente também, creio. Ainda que Platão possa estar certo no que diz respeito a pensadores; talvez *eles* ainda deem algum caldo. (*Olha para Platão*). Ou um deles, de todo modo.

*Górgias* Talvez. E *tu* podes estar vivo para ver parte disso. Eu não estarei.

*Demócrito* Anima-te, Górgias. Pessoas que estão perto de completar sua décima década frequentemente chegam aos cem anos.

*Górgias* Eu não estou certo de que o queira.

*Aristófanes* É estranho ouvir isso de ti. Normalmente tu és só alegria e autoafirmação. Por que estás tão amuado, de repente?

*Górgias* Não sei. É só um sentimento que tenho ao qual não estou acostumado.

*Demócrito* E qual seria esse?

*Górgias* Bem, sinto-me um pouco constrangido de admiti-lo, depois de toda uma vida sendo idolatrado pelas multidões por causa dos meus grandes discursos públicos, inclusive aqui em Olímpia. Mas tenho sentido... inveja. Uma inveja mortal, para falar a verdade.

*Críton* Como assim?

*Górgias* Bem, acabo de ouvir uma conversa em que alguém, que não eu, foi descrito como extraordinariamente corajoso, e que, mesmo três anos depois de sua morte, foi capaz de fazer com que algumas das mentes mais brilhantes de toda a Grécia mantivessem uma discussão a seu respeito por três noites consecutivas. Quem vai discutir a *meu respeito* por três noites consecutivas três anos depois de *minha*

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# άρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

morte? Ou até mesmo três anos antes? Quem, de fato, sequer vai se lembrar do *meu* nome?

*Platão* Sim... Quem, eu me pergunto...?

*(Todos olham para ele).*

Bebidas, meus caros?

*(Todos bebem).*

## EPÍLOGO

*O Espírito dos Jogos de 360 a.C. fala*

Os pessimistas a respeito do poder político estavam certos; os dias de Atenas tinham acabado. Esparta foi o poder dominante por um tempo; depois foi a vez de Tebas. E quem sabe quem será o próximo?

E Górgias estava certo a respeito das artes. Não surgiu mais ninguém da categoria de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes dentre os tragediógrafos; e ninguém da categoria de Aristófanes dentre os comediógrafos.

Os cultores da memória de Sócrates também prosperaram; *Ésquines*, Antístenes, Euclides e muitos outros escreveram diálogos que recontavam as conversas dele em diversas situações. Mas o mais bem-sucedido desse grupo foi Platão, que fez verter uma corrente quase contínua de diálogos e veio a fundar a sua própria grande escola. Muitos outros também o fizeram, a despeito da conversa que acabamos de

ouvir sobre a morte de Sócrates significar o fim da filosofia. Além de Platão, Antístenes, Euclides e até mesmo Aristipo, todos acabaram fundando as suas próprias escolas.

Os sofistas, por sua vez, também já haviam vivido o seu apogeu. Quando Górgias morreu (com mais de cem anos, devo acrescentar) houve poucos nomes dignos de nota dentre os sofistas, com exceção de seu aluno Isócrates (que ainda viveria o seu apogeu). Apesar de Alcídamas, seu aluno menos famoso, ter criado controvérsia – por pouquíssimo tempo – com seu ataque à instituição da escravidão.

Dentre os socráticos, aquele que nunca foi realmente aceito foi Aristipo. Muitos (especialmente Platão, Xenofonte e Antístenes) acreditavam, desde o início, que ele era apenas um aproveitador e que ele nunca teria verdadeiramente aderido ao espírito do socratismo. Mas ele trilhou seu próprio caminho sem se importar com tais juízos. Se *Sócrates* o aceitara – como, de fato, *ocorreu* – então Aristipo não se deixaria perturbar pelas visões menos tolerantes de algumas mentes menos brilhantes como as de Antístenes ou Platão. Seu argumento era sempre que o prazer – especialmente, porém, não exclusivamente, o prazer intelectual – seria o objetivo último do homem se fruído com moderação, e ele acreditava poder mostrar que o próprio Sócrates seria a *fonte* dessa doutrina. Aos que sugeriam que ele mesmo estava claramente longe de atingir essa meta, dava-lhe muito prazer (e este é o termo adequado, estou certo) responder que isso não diminuía em nada a grandeza da *meta*, e que ele poderia vir a alcançá-la algum dia.

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, Mariana Machado Rodrigues e Silva Martins, 'Thomas M. Robinson: *Depois de Sócrates – Uma Trilogia: (i) Recordando Sócrates*', p. 275-340

Enquanto esse dia não chegava, ele, que dispunha de muito dinheiro, não tardou a fundar sua própria escola de alegres perseguidores do prazer, alcunhados de cirenaicos, uma referência a sua cidade natal, Cirene. E ainda por alguns anos depois da morte de Sócrates, até que ela começasse a entrar numa longa e ébria decadência, ele também manteve sua idílica relação com Laís, mesmo que ela nunca tenha deixado de sonhar com aquele grandalhão, Eubotas. E que relacionamento magnificamente negociado era *aquele!* A cada ano que *ela* vivia sua vida de “concubina” (mas que termo adorável), passava ela dez meses em Corinto e, então, dirigia-se para Egina, a ilha em que ele a viu pela primeira vez, para viver com *ele* por mais dois meses. Quanto isso custava a ele? Alguns trocados, tende certeza, considerando-se a sua fortuna. Tudo isso foi motivo de uma boa dose de desprezo, e (quem sabe?) talvez até duma inconfessável inveja da parte de pessoas como Antístenes e Platão, mas isso não deve ter causado muito incômodo a *ele*. Porque o sorriso em seu rosto a cada vez que era visto saindo do estabelecimento dela em Corinto ou passeando com ela à beira-mar nos arredores de sua propriedade em Egina era... beatífico.

Até a próxima Olimpíada? (*Bebem*).

Submetido em julho e  
aprovado para publicação em julho, 2017